

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA NEGRA: UMA ANÁLISE DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Amanda Alves Nascimento Almeida\*

Carolina Lima Chagas\*\*

Ana Érica Reis da Silva Kühn\*\*\*

**RESUMO:** O presente artigo trata sobre a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, autora que se destaca na produção literária brasileira feminina e negra. Analisamos como questões históricas e sociais, a exemplo da escravidão, condição da mulher negra e violência, afetam a vida das personagens da obra, em especial, a de Ponciá Vicêncio. Para realizar este estudo, nos baseamos na obra citada, bem como na de autores que discutem acerca da literatura afro-brasileira, como Bernd (1998), Duarte (2005), Dalcastagnè (2018), entre outros.

**Palavras-chave:** Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo. Personagem feminina.

### Apontamentos sobre a obra *Ponciá Vicêncio*

*Ponciá Vicêncio*, escrito por Conceição Evaristo, e publicado, primeiramente, no ano de 2003, é uma história narrada em terceira pessoa, e que conta as desventuras e tristezas da família Vicêncio. Evaristo é uma escritora negra, que tem se destacado no atual panorama da literatura brasileira, sobretudo por retratar e outorgar protagonismo a personagens femininas negras. A autora concede voz a personagens antes marginalizadas e silenciadas no cenário literário, resgatando, assim, suas histórias de vida, e, junto a isso, a cultura afro. Ao retratar essas narrativas, Evaristo propõe uma revisão intelectual, política, e também social da história do povo africano no Brasil, sob a ótica da produção literária feminina negra.

Com textos em prosa e poesia, Evaristo luta, através das suas palavras, contra o estereótipo, que é comumente associado à mulher negra, que é o da sexualização e da violência. Com isso, propõe uma escrita de resistência e opressão contra esse tipo de visão. Nesse sentido, a obra *Ponciá Vicêncio* pode ser considerada exemplar, dentre as tantas outras escritas pela autora. O romance é contado por três narradores: Ponciá, sua mãe, Maria Vicêncio, e seu irmão Luandi José Vicêncio. Escrita de forma intimista e extremamente poética, a obra não almeja ser um relato fiel dos fatos da história de vida da família, ao contrário, nos mostra a jornada da moça e da sua família, e o encontro que cada um realiza com o seu próprio eu. Sendo assim, não há uma descrição minuciosa dos espaços onde a história ocorre, ou até mesmo de seus personagens, mas sim a exposição das suas vontades, lágrimas, dores, anseios, e, frequentemente, dos seus vazios.

O livro não é organizado por capítulos, mas por parágrafos, que, às vezes, se estendem por mais de uma página ou apenas parte de uma. Tal aspecto faz com que a narrativa esteja pautada nas emoções das personagens, como podemos observar no seguinte excerto:

---

\* Graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IX, Barreiras-Bahia. Voluntária do PIBIC, tendo como tema da pesquisa a poesia da Hilda Hilst. Professora da rede particular de ensino.

E-mail: mandinhaalves97@gmail.com

\*\* Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IX, Barreiras-Bahia. Especialista em Geriatria e Gerontologia (UVA - Universidade Veiga de Almeida). Graduada em Serviço Social pela UFRJ. Professora da rede particular de ensino.

E-mail: lima\_carolina88@yahoo.com.br

\*\*\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Letras e Linguística pela UFG. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora na UNEB, Unidade e Departamento: UNEB, campus IX, Barreiras- Bahia.

E-mail: anaerica86@gmail.com

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2017, p. 40)

No trecho acima, podemos observar que há apenas a descrição das sensações experimentadas por Ponciá naquele momento, ressaltando-se, sobretudo, o vazio que, muitas vezes, lhe acomete. Ponciá, personagem principal, que dá título à obra, descende de uma linhagem de escravos. A sua família carrega, portanto, as marcas indeléveis do período escravocrata. Sobre o perfil da narrativa, Silva (2017, p. 73) comenta:

Ponciá, na verdade, simboliza o espaço e o tempo de uma história contundida, de exclusão e subserviência que foi imposto ao povo afrodescendente brasileiro. Ficção e realidade se imbricam nas camadas narrativas, todavia o que vai aflorando é uma escrita tensa e densa de dizeres sofridos, numa lírica contundente.

A família de Ponciá, mesmo após o fim da escravidão, continua a trabalhar na fazenda na qual viviam, sob a condição de escravos, e vivenciando as mesmas condições do período da escravidão. A fazenda era de posse do Coronel Vicêncio, daí a origem do sobrenome de Ponciá. No regime escravocrata, era comum que os escravos fossem chamados pelo sobrenome dos coronéis, sendo essa uma forma indicativa da posse. Por isso mesmo, Ponciá não se identificava com o sobrenome Vicêncio, como podemos observar nas seguintes passagens:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO, 2017, p. 16)

O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2017, p. 27)

Vivendo na fazenda, o pai de Ponciá passou por momentos cruéis, que marcaram a sua trajetória, e que ratificam a condição humilhante dos escravos da fazenda. Em uma das passagens que ilustram esse tipo de situação, o pai de Ponciá, que era pajem do filho do dono da fazenda, recebe a ordem de abrir a boca para que o sinhô-moço possa nela urinar. Vejamos:

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. (EVARISTO, 2017, p. 17)

O pai de Ponciá não se conforma com o fato de ser livre e continuar levando aquele tipo de vida na fazenda do Coronel Vicêncio. Ainda, o avô da protagonista, anos antes, havia tentado se matar em um momento de desespero, devido ao modo como vivia na fazenda. Desejava, porém, tirar não somente a sua própria vida, como também a da sua família. Entretanto, somente a sua esposa é levada para o mundo dos mortos. Vô Vicêncio é impedido de continuar com seu ato macabro, contudo, não antes de decepar a própria mão com a mesma foice que matou a sua mulher.

A família de Ponciá mora em uma terra, que, segundo a narradora, foi concedida aos negros da fazenda como um presente de “libertação”. Todos os ex-escravos usam essas terras como moradia e para plantar o alimento. Porém, a condição imposta é que eles continuem a trabalhar na fazenda do Coronel Vicêncio.

Enquanto os homens trabalham na fazenda, Ponciá e sua mãe permanecem em casa, onde manuseiam o barro, fazendo peças artesanais para vender. Através da narração de seus dias, nota-se o quão tranquilo é seu cotidiano, e é também perceptível o vazio que ronda Ponciá. A sensação que a personagem, que dá título à obra, transmite é a de que falta algo para justificar a sua existência. Existe uma lacuna dentro de si que necessita ser preenchida.

Outro fator que ronda a personagem é a figura do seu avô. Em diversas passagens do livro, os personagens citam uma herança que Vô Vicêncio deixou para Ponciá. A garota escuta sobre a tal herança desde pequena, porém, nunca lhe contaram da natureza desse legado. E, de fato, parece haver uma ligação muito forte entre ela e seu avô, que, apesar de ter morrido quando ela era ainda muito pequena, se encontra vivo em sua memória. A seguinte passagem evidencia a forte ligação entre Ponciá e seu avô: “o primeiro homem que Ponciá Vicêncio conheceu fora o avô. Guardava mais a imagem dele, do que a do próprio pai” (EVARISTO, 2017, p. 15).

As raízes de Ponciá estão em sua família, sua descendência, e mais fortemente com a figura do avô, que possui uma relação estreita com a menina desde sua infância. O laço formado entre eles não é criado na convivência, mas sim na semelhança entre os dois. Com o passar do romance, percebemos que a herança legada para a menina não é material, mas uma herança de toda a dor que ronda a história da família. Seu avô havia sido escravo, e, não suportando a vida que levava, cedeu ao suicídio, apesar de que este foi impedido por terceiros.

Depois da tentativa, o avô de Ponciá se torna louco. Vô Vicêncio enlouquece em silêncio, observando o sofrimento dos seus em meio a risos e prantos que se misturam. Sua loucura está na mudez sofrida de quem já não aguenta mais viver, e nada pode fazer para reverter a situação que foi imposta pelo destino.

Certo dia, Ponciá decide sair do seio familiar para tentar a vida na cidade. Logo após de tomada a decisão, a moça arruma as malas e se despede da mãe. Pega o trem que passa, de tempos em tempos, no povoado, e toma o rumo da cidade. Lá consegue trabalho como empregada doméstica e se casa. É na cidade que transcorre boa parte da narrativa. A respeito do perfil da personagem, que não aceita a condição de submissão feminina, e mesmo a de escravidão, Evaristo (2017, p. 33) afirma:

Quando Ponciá resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acredita que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando-se sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado.

Apesar de, no início, tudo estar aparentemente bem, e Ponciá cumprir seu objetivo de juntar dinheiro para comprar uma casa, a vida da moça desanda quando ela volta ao lar, para a fazenda, com o intuito de reencontrar a família. Seu desejo é de que todos possam morar juntos novamente. Ao chegar na fazenda, Ponciá se depara com um lar vazio. É após esse acontecimento que os episódios de alheamento de Ponciá se intensificam. Vivendo como um zumbi, ela mal come ou dorme, tornando-se alheia ao mundo externo. O seu marido chega a agredi-la, de forma violenta, em algumas ocasiões, por não compreender como sua esposa, antes, tão cheia de vida, se encontra, agora, em estado catatônico.

O livro não narra somente a história de Ponciá, também trata sobre o seu irmão, a sua mãe, além das circunstâncias que levaram cada um a se retirar do lar em momentos distintos. Essa saída pode ser considerada simbólica, uma vez que cada um sai à procura de si próprio, e também buscando encontrar o outro membro da família que se foi.

Luandi, irmão de Ponciá, vai para a cidade a procura da irmã e de um emprego, o seu sonho é ser soldado. Na cidade não encontra a irmã, mas consegue um trabalho em uma delegacia, lá permanecendo com a esperança de um dia vir a ser soldado. Maria, mãe de Ponciá e Luandi, sai em busca de seus filhos. E, assim, o lar fica vazio.

Além das personagens mencionadas, podemos destacar também Biliza, amor da vida de Luandi, brutalmente assassinada por seu cafetão; Soldado Nestor, que se revela um grande bem feitor do garoto, em seus anos na cidade; e Nêngua Kainda, uma espécie de anciã da comunidade onde os ex-escravos vivem. Além disso, exerce o papel de profetiza, e, em pontos-chaves do romance, faz revelações aos personagens, falando, através de enigmas e palavras misteriosas, o que eles devem ou não fazer. Como é possível verificar a seguir:

Nêngua Kainda, falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá Vicêncio também. A irmã estava na cidade, não muito longe dele. Carecia de encontrá-la urgente, acolhê-la antes que a herança se fizesse presente. (EVARISTO, 2017, p. 81)

O romance de Evaristo parece, sobre muitos aspectos, tratar sobre vazios. A sensação constante é de que existe algum silêncio entranhado nas personagens, algum grito silenciado há muito tempo, que, de tão mantido, se transformou em buraco negro, sugando tudo ao redor. Mais do que palavras, *Ponciá Vicêncio* é um livro feito de silêncios, e nada poderia ser mais genial ou dolorido.

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si mesma, ficou atordoada. [...] Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio quando o vazio ameaçava preencher sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia do seu próprio eu. (EVARISTO, 2017, p. 44)

No final da história, ocorre o tão sonhado reencontro familiar. Primeiramente Luandi encontra a mãe e depois a irmã. É no reencontro que essas pessoas se completam subjetivamente, em muitos aspectos, se mostravam vazias de algo. O reencontro, no romance de Evaristo (2017), está, de muitas formas associada à união da família. É através do outro, parente de sangue, que a paz é encontrada.

*Ponciá Vicêncio* é, de diversas formas, um livro sobre vazios e raízes. A história dessa moça relata sua ânsia por se encontrar frente a um mundo que, em muitas vezes, parece não

lhe pertencer. A dissonância encontra-se em algo crucial, o sobrenome. Como mencionado anteriormente, Vicêncio é o nome do senhor da fazenda, onde sua família foi escrava, e, agora, trabalha (apesar de que podemos nomear tal relação como escravocrata, visto que não foi dada escolha para os “libertos”). Sobre a relação conflituosa da personagem com o sobrenome, Evaristo (2017, p. 29) assevera:

E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô do avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio.

Após tantas perdas, a saber, da mãe, do pai, do irmão e dos sete filhos, Ponciá se cala. Volta-se para dentro de si e lá se esconde, pois nada mais pode fazer, apenas aceitar o vazio que cresce no seu interior. Entretanto, sozinha em um lugar longe daquele que nasceu, Ponciá se sente cada vez mais solitária, e, com o tempo, com as decepções e a perda dos próprios filhos, nada mais parece fazê-la feliz. Nem mesmo o marido, com quem, futuramente, estabelece um laço duradouro. Porém, é no reencontro com a família que Ponciá se satisfaz interiormente. Podemos perceber que esse preenchimento de uma existência tão sofrida está na família, nas raízes, em seus ancestrais. Ao se encontrar com sua família, após anos de separação, Ponciá retorna ao barro que a fez, e, finalmente, acha a si mesma.

### **Cultura afro-brasileira e escrita feminina na obra *Ponciá Vicêncio***

A literatura afro-brasileira sofreu, por muitos anos, com o preconceito, seus autores foram marginalizados, desvalorizados e ignorados. Além disso, a história nos mostra que o estereótipo construído em torno do negro o relegou a um ser intelectualmente inferior, sem razão e cultura. Um dos momentos da história literária brasileira que serviu para começar a modificar esse olhar se dá com a publicação da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que é considerado, atualmente, como o primeiro romance afro-brasileiro, e também primeiro romance a tratar da temática abolicionista na literatura brasileira. Sobre a importância do legado de *Úrsula* e de Maria Firmina dos Reis, Duarte (2005, p. 74) declara:

Maria Firmina dos Reis desconstrói não apenas a primazia do abolicionismo branco, masculino, senhorial. Não nos esqueçamos de que, com sua aura paternalista, esse discurso, ao fim e ao cabo, prepara o terreno para as teses do “homem cordial”, de Sérgio Buarque e outros, bem como da “democracia racial” freyreana. Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afro-descendentes.

De acordo com Zilá Bernd (1988), a visão hegeliana privilegia a América em detrimento da África, que é vista fora da história do mundo e classificada como um lugar à margem. Por conta disso, a autora tece duras críticas ao pensamento de Hegel. Para Bernd (1988), a ideia hegeliana sobre razão era apenas uma: a Europeia. Nesse espírito “superior” e eurocêntrico, que se fundamentava em uma concepção inata e biológica, não havia espaço para a razão de índios ou negros. Estes viviam, conforme a perspectiva hegeliana, no estado natural, e só poderiam fazer parte da história universal, caso houvesse o contato com o colonizador europeu. Apesar do processo de discriminação e preconceito que vivenciamos ainda na contemporaneidade, a história negra, sua identidade, literatura e razão apontam que o negro não pode mais ter a sua voz silenciada, o seu corpo violado e explorado, a sua cultura e cidadania negadas, bem como a sua condição humana suprimida.

A obra de Evaristo (2017), abordada neste artigo, demonstra que, mesmo com o horror da violência, do preconceito e do machismo, é possível um novo olhar sobre o negro. E mais que isso: *Ponciá Vicêncio* reflete sobre essa história, contando-a por sua própria ótica, de modo que assume a função de protagonista. O livro conta a história dos negros, o que restou da escravidão, a pobreza, a loucura, a violência, mas também a capacidade de fuga, tal como nos aspectos psicológicos, construídos em Ponciá.

Com o intuito de definir o que é literatura negra, Bernd (1988) afirma que o conceito de literatura negra pode ser tomado, em uma visão inicial, como sendo um posicionamento reacionário e etnocêntrico. Mas a ideia não é privilegiar uma etnia a partir de suas possibilidades artísticas: todas possuem condições intelectuais, materiais e culturais de desenvolver as mais brilhantes artes.

Nessa perspectiva, a demarcação do que é literatura negra reside no processo de criação consciente, que os negros criam sobre a sua história, e isso não tem a ver com o tema da obra e nem com a cor da pele do autor. Segundo a autora, essa literatura é marcada por uma “evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro” (BERND, 1988, p. 22). E isso é visto na obra que serviu de base para este estudo, uma vez que ela retrata essa tessitura da escrita, marcada pela construção do negro sobre si e sobre a história da sua vida, dos seus antepassados.

A literatura negra, em especial a feminina, busca experimentar os sentidos do mundo a partir de novas formas de expressão, que resgatem os símbolos, o vocabulário e a cultura, que sempre foi negada e esquecida. De modo que a escritura negra, sobretudo a feminina, constrói um mundo pautado na sua visão, não atendendo ao padrão instaurado na literatura brasileira, que é a construção narrativa sob a ótica do homem branco e de classe média.

A produção literária feminina negra é, portanto, a busca pelo resgate das memórias e da identidade cultural negra, que, historicamente, foi duramente massacrada e discriminada em um processo de dominação em que não houve alteridade. A busca desse discurso literário é o de recompor “um sistema próprio de representação” (BERND, 1988, p. 23). E essa representação é retratada em *Ponciá Vicêncio*. Podemos mencionar como exemplo a condição do pai da protagonista, por ser negro, seus padrões achavam que ele não poderia e nem conseguiria aprender, mas estavam errados. Apesar do pai de Ponciá ter que ser “Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço” (EVARISTO, 2017, p. 17), ele aprendeu a ler em uma brincadeira com o sinhô-moço, e reconhecia as letras, sendo capaz de aprender tudo o que o sinhô-moço explicava. E aí, “quando o sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim!” (EVARISTO, 2017, p. 18).

Segundo Bernd (1988), a literatura negra apresenta textos em relação, a partir da chamada transtextualidade. Essa literatura possui semelhança com textos do discurso literário Francês das Antilhas. De modo geral, a marca que irá compor essas obras se assenta na escrita do negro a partir da sua leitura e visão de mundo, refletindo, artisticamente, sobre suas experiências de vida e escravidão.

Bernd (1988) destaca alguns pontos da literatura negra francesa que podem servir para a análise do contexto literário negro brasileiro, uma vez que elas contribuem para a literatura da África e valorizam seus mitos e histórias; o intelectual/autor é tomado como um porta-voz, que escreve sobre liberdade, e promove reflexões conscientes; o conceito de originalidade cultural é adotado pelos escritores, ao invés do termo negritude; a temática social está sempre acima do “eu”, o que privilegia temas pautados na questão da escravidão, da dominação, da miséria, da falta de liberdade e sofrimento; são expressos, principalmente, nos gêneros de poesia e romance. Para além das lutas literárias, os autores também estão envolvidos e preocupados com a questão política. Com isso, identifica-se que a literatura negra atual apresenta três objetivos: “expressar as lutas e os dramas dos povos negros, mas com

preocupação artística; distanciar-se dos cânones ocidentais; apoiar-se nos ‘tesouros culturais do solo negro’” (BERND, 1988, p. 28).

Outra marca da literatura negra reside na questão da prática de reescritura. Assim, o discurso poético é pautado na crise de consciência do negro, que, por anos, foi oprimido e desprezado. A literatura negra resgata a experiência histórica, a verdade de exploração que o negro viveu, a partir de uma literatura diferente daquela forjada pelo discurso dominante.

Com isso, a intertextualidade é essencial, pois possibilita o diálogo entre as obras. Dessa forma, a literatura dominante serve como fonte para a literatura negra, mediante um novo ponto de vista ideológico, capaz de demarcar e reafirmar a história negra. Apesar de essa ser uma literatura de muita qualidade, as histórias escritas e protagonizadas por negros não ganham a visibilidade que deveriam ter no país. Nessa perspectiva, Gomes Jr. (2012) aponta números assustadores e contraditórios: somos um país em que quase 50% da população se declara negra ou parda, mas que não conhece seus autores negros. E onde eles estão? Estão nas Conceições e em tantos outros autores que trazem um novo olhar sobre o mundo e sobre a história do negro, em especial, a da mulher negra. Assim sendo, são autores que estimulam o pensamento crítico e a reflexão sobre as desigualdades e a própria condição humana.

Observando o panorama da literatura brasileira, podemos considerar que há uma lacuna nas vozes de certos grupos sociais. Mulheres e negros foram deixados à margem devido ao sistema de relações de poder de nossa cultura, que evidencia a fala do homem branco, e, sobretudo, de classe média.

Evaristo é, pois, uma importante representante de um lugar de fala muito específico e apagado de nossa história, o da mulher negra. Duas vezes rebaixada socialmente, primeiramente, pelo corpo feminino, e, depois, pela cor da sua pele, Evaristo surge como um ar fresco diante de um espaço construído tão exclusivamente para homens brancos: o da literatura.

Regina Dalcastagnè (2007), no artigo: “A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, discute a importância da representatividade na literatura, pois cada pessoa inserida em um grupo social diverso possui uma diferente forma de ver e entender o mundo. Sendo a literatura o espaço de vozes, é justo que os diferentes sons sejam ouvidos. Nesse sentido:

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. A literatura, porém, incorpora muito mal essas perspectivas. (DALCASTAGÈ, 2007, p. 21)

Mesmo que histórias como a de Ponciá já tenham sido escritas, relatando problemas sociais como a escravidão, quase sempre era o homem branco que discorria sobre o assunto. A exemplo disso, podemos citar *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. O autor era branco, e, portanto, as situações retratadas em seu livro estão no lugar de fala do grupo social ao qual pertencia. Evaristo, por sua vez, ao assumir sua voz autoral, dá lugar à mulher negra, antes marginalizada e estereotipada, mudando, assim, o modo como essa mulher fora retratada.

Apesar de a questão da empatia ser completamente possível, e ainda que um autor branco possa escrever sobre a escravidão e a situação do negro no Brasil, é de extrema importância que, cada vez mais, a mulher negra tenha a autonomia para escrever a sua história, partindo do seu lugar de fala, composto por lutas e afirmação de identidade.

## Considerações finais

Ao se considerar a construção da personagem feminina analisada neste trabalho, é impossível não pensar em Evaristo. Em suas obras, a mulher negra (re)encontra a sua ancestralidade e adquire resistência para sobreviver às mazelas cotidianas. É o que ocorre, por exemplo, com a personagem Adelha Santos Limoeiro na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres negras*. Essa personagem vê a vida do seu marido definhando, enquanto a dela não. O conto sobre Adelha retrata a força que a mulher negra precisou (e que, infelizmente, ainda precisa) enfrentar ao longo de sua história para continuar a viver.

Nessa perspectiva, em *Ponciá Vicêncio*, obra analisada neste estudo, percebemos o protagonismo feminino e a possibilidade que Evaristo concede às suas personagens de engendrar os rumos da sua própria história, e também a do seu povo. Apesar de ser fruto de um processo escravocrata, identifica-se que há, na construção das personagens, as marcas da condição desigual e marginalizada. Contudo, além disso, a autora aborda o anseio das suas personagens em retomar o protagonismo das suas vidas, libertando-se dos estereótipos impostos pela sociedade. Portanto, a obra se constitui como referência fundamental para a constituição e consolidação da produção literária feminina afro-brasileira.

### LITERARY PRODUCTION BY BLACK WOMEN WRITERS: AN ANALYSIS OF *PONCIÁ VICÊNCIO* BY CONCEIÇÃO EVARISTO

**ABSTRACT:** This article is about the work *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, an author who stands out in the Brazilian black female literary production. We analyze how historical and social issues, such as slavery, condition of the black woman and violence, affect the life of the characters in the novel, especially the protagonist Ponciá Vicêncio. To carry out this study, we are based on the work cited, as well as authors who discuss Afro-Brazilian literature, such as Bernd (1998), Duarte (2005), and Dalcastagnè (2018) among others.

**Keywords:** *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo. Female character.

## Referências

BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis: a mão feminina e negra na fundação do romance brasileiro. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros & SCHNEIDER, Liane. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia/ Universitária, UFPB, 2005. p. 67-75.

EVARISTO, Conceição. Adelha Santana Limoeiro. In: \_\_\_\_\_. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 35-41.

\_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.



GOMES JR., Camilo. *Literatura afro-brasileira: a marginalização das letras escritas em tinta preta*. Disponível em: <https://bulevoador.lihs.org.br/2012/01/literatura-afro-brasileira-a-marginalizacao-das-letras-escritas-em-tinta-preta/>. Acesso em 09 abr. 2019.

SILVA, Assunção de Maria Sousa. Ponciá Vicêncio, memórias do eu rasurado. *In*: DEALTRY, G.; LEMOS, M.; CHIARELLI, S. (eds). *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 73-83.

**Data de submissão: 30/06/2019.**

**Data de aceite: 29/08/2019.**